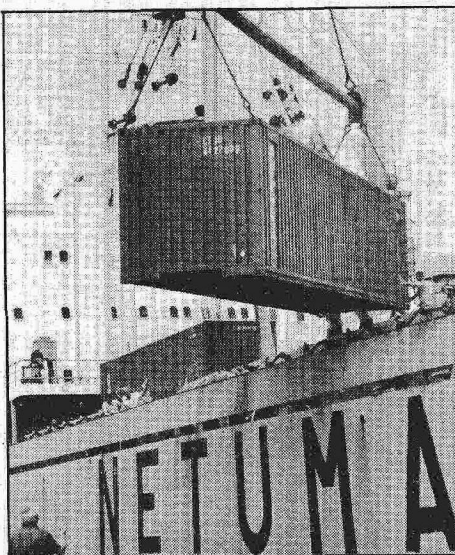


# O Brasil cresce com o sucesso das exportações



Com o bom desempenho das exportações, país administra a dívida externa e cresce

contrário do início do Governo Figueiredo. Das vendas feitas aos Estados Unidos, nada menos do que 72,1% se referem a produtos manufaturados, e do total das exportações brasileiras os norte-americanos absorveram 32,3%. O principal produto brasileiro exportado para lá, apesar disso, continuou sendo o "café cru em grão".

Outros produtos que merecem destaque e que muito contribuíram para o aumento das receitas cambiais do País foram: calçados de couro de uso comum, este produto rendeu ao Brasil em 1983, US\$ 714 milhões, o suco de laranja concentrado, US\$ 623 milhões; combustíveis minerais, US\$ 1 bilhão. Os maiores compradores destes produtos foram também os americanos.

No início de 1983, as vendas brasileiras ainda estavam modestas, pois as nossas principais commodities tinham os seus preços ainda aviltados, como no caso do açúcar, da soja e do cacau. Além disso, a comercialização das safras agrícolas é bem menor nos primeiros meses do ano, tornando-se mais agressiva a partir de abril, e foi neste mês que os superávits maiores começaram a acontecer.

As exportações brasileiras no segundo semestre foram mais significativas, alcançando um percentual de 52,50% sobre o total exportado em 1982. A média das vendas alcançou US\$ 1,8 bilhão. De janeiro a outubro, por exemplo, mais da metade das nossas vendas externas foi compreendida pelos produtos agropecuários que registraram uma receita cambial de US\$ 9,4 bilhões.

As exportações de bens de capital foram consideravelmente afetadas em 1983 com o estreitamento dos principais mercados consumidores. Naquele ano a comercialização desses produtos alcançou US\$ 2,9 bilhões, enquanto no ano anterior este número havia ficado em US\$ 3,3 bilhões.

De importância, também, na pauta da exportação brasileira em 1983 foram as vendas de produtos das "indústrias químicas e conexas", que alcançaram US\$ 916 milhões, contra US\$ 694 milhões obtidos em 1982. Os produtos "químicos inorgânicos" evoluíram 29,6% e os "químicos orgânicos" expandiram-se em 44,4%. As exportações de produtos siderúrgicos manufaturados cresceram 55,7%, também em

confronto com o ano anterior, passando de US\$ 1,1 bilhão para US\$ 1,7 bilhão.

Do total de US\$ 21,8 bilhões exportados em 1983, os produtos básicos participaram com US\$ 8,5 bilhões e os produtos industrializados com US\$ 13 bilhões. Desse montante, US\$ 11,2 bilhões foi o valor obtido com a venda de produtos manufaturados, com destaque para caldeiras, máquinas e produtos siderúrgicos. O restante — US\$ 1,7 bilhão — foi conseguido graças às vendas de produtos semimanufaturados, com destaque para a pasta química de madeira e ferro-ligas em bruto.

## US\$ 13 BILHÕES

Quando o Governo anunciou a meta brasileira para o superávit da balança comercial no ano passado — US\$ 9 bilhões — até mesmo técnicos da Cacex e do Ministério da Fazenda se mostraram céticos, e houve até quem considerasse a nova meta uma ficção. O Brasil, no entanto, superou esta meta em muito, e o comércio exterior do País registrou um superávit excepcional de US\$ 13 bilhões e 68 milhões.

Mais um recorde histórico. E mais que o dobro do resultado de 1983, até então inédito. O superávit comercial foi obtido com aumento de 23,3% nas exportações, que atingiram o recorde de US\$ 27,005 bilhões, e uma queda de 9,7% nas importações, contidas em apenas US\$ 13,9 bilhões, a menor marca desde 1978.

Este surpreendente resultado deveu-se principalmente a dois fatores. O primeiro de ordem econômica: a sustentação de uma política de reajustes cambiais compatíveis com a inflação, que realmente sustentou a competitividade dos preços das mercadorias brasileiras. E o segundo fator, de acordo com o próprio diretor da Cacex, Carlos Viacava, é de ordem "emocional": a garra dos exportadores brasileiros, que souberam buscar e arriscar, conquistar novos mercados e elevar as suas vendas, a despeito do fim gradual dos incentivos ao setor.

O ano passado foi marcado pelo fim dos incentivos ao setor, como a transferência dos financiamentos do Governo para os bancos privados, o aumento das taxas de juros destes mesmos financiamentos e o fim paulatino do crédito-prêmio do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) que terminará em abril deste ano.

Apesar deste quadro, o setor exportador mostrou que consegue caminhar com as próprias pernas. Do faturamento global de US\$ 27 bilhões, o setor privado participou com US\$ 20 bilhões e o estatal com o resto.

O resultado recorde do ano passado foi ajudado por alguns produtos que apresentaram uma performance espetacular. Só o suco da laranja contribuiu com mais de US\$ 1 bilhão no crescimento das exportações, acumulando vendas de US\$ 1,4 bilhão; os calçados aumentaram em 50% as suas vendas, obtendo um faturamento também inédito de US\$ 1,076 bilhão.

E o café, no ano passado, recuperou a sua posição de primeiro produto da pauta de exportação, apresentando outro recorde histórico, de US\$ 2,8 bilhões. A soja por sua vez decepcionou, juntamente com os seus derivados, depois de projeções superiores a US\$ 4 bilhões, só foi obtido um total de US\$ 2,5 bilhões.

Os produtos industrializados tiveram participação decrescente no resultado obtido, exibindo uma taxa de crescimento de 37,1% com relação a 1983 e o faturamento de US\$ 17,9 bilhões. Neste item destaca-se a contribuição dos calçados, dos produtos químicos, do suco de laranja, o óleo de soja em bruto, o ferro-gusa, e aparelhos e instrumentos mecânicos.

Os chamados produtos básicos (agrícolas e minerais) contribuíram com US\$ 8,8 bilhões, apenas 3,14% acima do ano anterior. Vale notar como estes produtos reduziram a sua participação na receita global: em 1984, essa receita foi 32,16% menor do que em 1983.

Todos são unânimes em afirmar que, apesar de o superávit na balança comercial pressionar a inflação interna e a base monetária (pois o crescimento das exportações gera a necessidade de emitir mais cruzeiros para pagar aos exportadores), vale a pena exportar mais e mais. Segundo Viacava "é preferível acumular reservas com receitas de exportações do que através de tomada de empréstimos externos, que também geram inflação".

E com certeza o avanço das exportações foi o principal impulsionador da recuperação econômica de 1984. E este legado, como certeza, é uma das heranças mais positivas que o presidente Figueiredo deixará para o seu sucessor.

Quando em março de 1979, o presidente Figueiredo assumiu a Presidência da República, encontrou o comércio exterior brasileiro com um déficit acumulado de US\$ 1 bilhão e 24 milhões. Ao passá-la agora ao seu sucessor, deixará como herança a balança comercial brasileira completamente reabilitada e com um superávit acumulado superior a US\$ 13 bilhões.

Certamente foi o bom desempenho do setor exportador que permitiu ao País transpor o gargalo das contas externas, cujo pico máximo foi registrado em 1982, quando o Brasil registrou em seu balanço de pagamentos um déficit em contas correntes (toda a receita do País resultante do comércio menos as despesas com o pagamento da dívida brasileira) de US\$ 16 bilhões. E este déficit caiu no ano passado para apenas US\$ 500 milhões.

Para essa reversão no desempenho do setor exportador nacional muito contribuiu a maxidesvalorização do cruzeiro, realizada em fevereiro de 1983, e em seguida a firme política de desvalorização cambial, que permitiu ao exportador brasileiro oferecer lá fora produtos sempre competitivos. As constantes minidesvalorizações da moeda procuram compatibilizar a necessidade da sustentação da capacidade competitiva dos produtos nacionais no mercado externo, com a evolução dos custos internos.

Se o custo para a manutenção de uma política cambial realista foi uma elevação dos índices inflacionários, por outro lado, o comércio exterior foi um instrumento bem utilizado pela equipe econômica governamental para ajustar as contas externas. E além desta consequência positiva, a expansão das exportações, especialmente de manufaturados, atuou como carro-chefe no processo de recuperação da economia nacional, que a partir do segundo semestre de 1984 registrou indicadores importantes de reativação, tanto no comércio como na indústria.

## EVOLUÇÃO

Tanto em 1979 como em 1980, a balança comercial brasileira caminhou a passos lentos. Nesses dois anos da administração Figueiredo, a balança comercial apresentou déficits de US\$ 2,83 bilhões e US\$ 2,82 respectivamente. Já no ano seguinte — 1981 — este déficit foi zerado e o Brasil registrou o seu primeiro superávit anual significativo: US\$ 1,2 bilhão.

Em 1982, porém, o ano da crise financeira mundial, a influência dos juros altos sobre os mercados de commodities e o aprofundamento da recessão mundial afetaram as receitas de exporta-

ções, que também sofreram os efeitos danosos de práticas protecionistas adotadas, de forma cada vez mais intensa, pelos países industrializados. E nesse ano as exportações caíram 13,4%, o que não se registrava desde 1962. O quarto ano da administração Figueiredo, apesar de tudo, registrou um superávit na balança comercial brasileira de US\$ 778 milhões.

1983, finalmente, inaugurou uma fase realmente nova na história do comércio exterior brasileiro. Ajudada pela maxidesvalorização do cruzeiro e pela substituição das importações, a balança comercial apresentou um superávit recorde na história do País: US\$ 6 bilhões e 491 milhões.

No quinto ano do Governo Figueiredo, o perfil da balança comercial revelou um desempenho sem paralelo em nossas relações comerciais. O saldo registrado mostrou-se 8,3 vezes maior que o obtido em 1982 e 5,4 vezes maior que o recorde de 1981. Em 1983 a receita cambial com as exportações brasileiras alcançou US\$ 21,8 bilhões, em comparação com os US\$ 20,1 bilhões em 1982, apresentando um crescimento de 8,55%. As importações, por sua vez, declinaram 20,56%, passando de US\$ 19,3 bilhões para US\$ 15,4 bilhões.

Dos países com os quais o Brasil se relaciona comercialmente, foi com a CEE (Comunidade Econômica Europeia) que o País registrou a maior receita de divisas em 1983 (US\$ 5,6 bilhões), seguida pelos Estados Unidos (US\$ 5,0 bilhões). Em terceiro lugar destacou-se a Ásia, exclusive o Oriente Médio (US\$ 2,7 bilhões) e a Aladi (US\$ 2,0 bilhões). Os maiores superávits foram obtidos com os Estados Unidos (US\$ 2,6 bilhões). Países Baixos (US\$ 1,0 bilhão), Japão (US\$ 871 milhões), Itália (US\$ 766 milhões); Reino Unido (US\$ 512 milhões) e URSS (US\$ 506 milhões).

De todos os blocos econômicos com os quais o Brasil comercializa, apenas com 4 registrou-se déficit, sendo que o prato da balança comercial brasileira apresentou-se, novamente, mais desequilibrado justamente com o Oriente Médio (US\$ 3,8 bilhões).

Os Estados Unidos mantiveram em 1983 a liderança nas aquisições de produtos brasileiros (US\$ 5,0 bilhões), com uma participação de 23,1% dos totais das nossas exportações, ultrapassando amplamente as compras efetuadas pelo Japão segundo colocado com US\$ 3,6 bilhões. Em contrapartida, os norte-americanos se enquadraram como principais fornecedores do Brasil.

O crescimento das vendas de produtos manufaturados acabou colocando a exportação de produtos básicos em segundo plano, ao